



F.N.L.A
REPRESENTAÇÃO PARLAMENTAR

DECLARAÇÃO POLÍTICA DO DEPUTADO LUCAS BENGHIM GONDA, POR OCASIÃO DA 11ª. REUNIÃO PLENÁRIA ORDINÁRIA, DA 1ª. SESSÃO LEGISLATIVA, DA IV LEGISLATURA DA ASSEMBLEIA NACIONAL, aos 20 de Julho de 2018.

Excelências,
 Senhor Presidente da Assembleia Nacional,
 Senhora e Senhor Vice-presidentes da Assembleia Nacional
 Senhores Deputados
 Ilustres Representantes do Titular do Poder Executivo
 Distintos Convidados
 Minhas Senhores
 Meus Senhores

A construção de uma Nação é um processo que exige sacrifícios de todas as gerações comprometidas com ela, na cadeia do tempo. Por dever de memória as gerações subsequentes herdam o espírito de luta permanente para a defesa intransigente do seu solo pátrio. Um Jurista Francês do século XIX, dizia que a ideia da Nação congrega cidadãos vivos e mortos que se sacrificaram para a construção da sua própria identidade. Esta Assembleia Nacional, Senhor Presidente, deve a sua existência à memória colectiva de vivos e de mortos. A Angola que representamos nesta Assembleia Nacional é herança de lutas permanentes contra os ocupantes, os escravagistas, contra o trabalho forçado e contra outras todas as formas de opressão.

As grandes Nações construíram monumentos para glorificar os seus heróis, reservaram grandes praças públicas com nomes daqueles que consentiram grandes sacrifícios no passado, para que o presente tenha lugar. Abriram grandes estradas onde passa

os nomes da memória colectiva das suas lutas. Reconciliaram a memória com a história do presente. Exaltaram os factos heróicos do passado nas datas definidas pelo léxico integrado no seu sistema cultural. Assim constroem as identidades culturais e o sistema do pensamento dos cidadãos vivos de uma Nação.

Esta Angola, desde sua independência é um país cuja a construção da sua História está assente em factos artificiais. Assim, se criaram também feriados artificiais e heróis inventados, monumentos cujo simbolismo só representa o vencedor, como no tempo dos antigos impérios. A ideia de uma Nação em luta que reconhece e glorifica o passado de todos aqueles que se sacrificaram para o bem-estar dos que estão vivos, constitui um sacrilégio para o actual sistema político Angolano. Reconhecer a luta daqueles que nas serras de Mucaba, nas florestas do Cazengo, nas montanhas do Nambuangongo, nas baixas de Cassange e nos planaltos do Uige, morreram de bombardeamentos à NAPLM não interpela os actuais dirigentes de Angola ; mulheres, homens e crianças de Angola soterrados nas valas comuns, isto não faz parte da História de Angola. Não é História do MPLA, logo não faz parte da História. Só fazem parte da História de Angola a luta dos Cubanos, a Guerra do Cuito Cuanavale, a História da intervenção dos racistas sul africanos. A luta anticolonial, também, já não faz parte da memória histórica de Angola. Não foi uma luta do MPLA. É uma história de um Ngangula qualquer para as crianças adormecerem. E dar feriados aos 15 de Março, uma luta dos indígenas, povo sem identidade e sem história, que as bombas coloniais queimaram como gafanhotos, os gentios, como o colono lhes chamava, isto não faz bem ao MPLA, nem faz sentido, nem honra a memória do Almirante Rosa Coutinho e do General Vasco Gonçalves. O 15 de Março que matou colonos portugueses, é também data histórica ? Assim falava a Zaratustra...

Senhor Presidente da Assembleia Nacional , Ilustres Deputados, esta Angola desde sua independência é dirigida por uma má consciência que luta permanentemente contra os seus próprios valores mais nobres. Não é considerado como um país que lutou e

se libertou do jugo colonial. Vós, que estais no poder, consideram-na como vossa conquista. Donde, a razão que vos move de ignorar todos os feitos heróicos de um povo que se bateu sem tréguas contra o colonialismo português e contra todo o tipo da dominação.

A não conferir o 4 de Janeiro e o 15 de Março, só para citar estas duas datas, a dignidade de feriados nacionais esta Assembleia falta o seu dever de construção de memória histórica de Angola. Sem desprimor para o de 4 Fevereiro, e outras datas, sem o 15 de Março, o 4 de Fevereiro não teria sobrevivido para ser hoje feriado Nacional.

Nós entendemos que se o país tem lutado para a reconciliação nacional, precisa de se reconciliar através da sua História recente, para que se possa construir um pensamento assente numa única identidade nacional. Segregar a luta dos povos é afastá-los do convívio nacional e das aspirações legítimas, em continuar a se bater para defesa dos interesses superiores da Nação.

Muito Obrigado

LIBERDADE E TERRA